

RECORTES DE PELOTAS: A TRANSFORMAÇÃO DE MEU OLHAR

NATHALIA MENDES BRANDT¹; LOUISE PRADO ALFONSO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – nathbrandt@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa autoral apresenta reflexões realizadas no âmbito da disciplina de Antropologia, no curso de Turismo, que envolveu uma observação do centro histórico de Pelotas. Buscou-se analisar as narrativas apresentadas ao público em geral sobre a história de Pelotas, sua construção e bens culturais considerados importantes. A fundamentação do trabalho é pautada em alguns conceitos como relativismo, alteridade, etnocentrismo e eurocentrismo, conforme ROCHA (1991) e VELHO (2008).

Nesta etnografia, busco entender o meu ponto de vista antes e depois da visita guiada, como eu via os casarões e os admirava no passado e, hoje, tenho uma visão mais crítica sobre eles. Meu olhar se voltou para mim, para as transformações em minha forma de pensar, a partir dos debates propostos pela disciplina. Pude evidenciar a invisibilidade de grupos e suas visões de mundo nesta construção de narrativas, que segundo VELHO (2008, p.20) “mundos que se tocavam, mas não se penetravam”. Mundos demarcados, por vezes espacialmente, ou “por fronteiras étnicas, sociológicas e culturais.” Entender que a história é contada somente pela parte que “financiou” a construção da cidade, excluindo a contribuição e as vidas de tantos outros grupos.

Como uma base para fundamentação desse trabalho, trago VELHO (2008, p. 21 e 22) que diz que a

“através da interação entre indivíduos e suas redes de relações, podemos lidar com o fenômeno da *negociação da realidade* em múltiplos planos. A própria ideia de *negociação* implica o reconhecimento da diferença como elemento constitutivo da sociedade. Como sabemos, não só conflito, mas a troca, a aliança e a interação em geral, constituem a própria vida social através da experiência, da produção e do reconhecimento explícito ou implícito de interesse e valores diferentes. O fenômeno da *negociação da realidade*, que nem sempre se dá como processo consciente, viabiliza-se através da linguagem no seu sentido mais amplo, solidária, produzida e produtora da *rede de significados*, de que fala Geertz. Em outras palavras a *cultura*, nos termos de Schutz, enquanto comunicação, não exclui as diferenças, mas, pelo contrário, vive delas.”

Baseado nisso, meu olhar se atentou a vários detalhes que não eram contados, desde a *negociação da realidade* aonde só é contada a parte dos detentores de bens, até o entendimento desse apagamento da memória aonde pessoas também fizeram parte dessa realidade, mas sendo ela tão seletiva não deixando aparecer a parte que julgam de menor importância.

2. METODOLOGIA

Esse trabalho foi realizado a partir de uma visita guiada pelo centro histórico de Pelotas e por meio de narrativas, leituras sobre a cidade, do meu ponto de vista como criança e depois como adulta e breve observação da apresentação sobre a história de Pelotas feita na FENADOCE. Após a leitura de textos contendo conceitos antropológicos, sobre relativização, etnocentrismo, alteridade e eurocentrismo e seminários da disciplina, a fundamentação metodológica foi a etnografia. A pesquisa foi pensada através das aulas de antropologia e a minha

curiosidade de saber sobre parte da história da cidade de Pelotas. E outras narrativas históricas presentes mas que não foram selecionadas para entrar como parte da fundamentação da cidade com um todo.

Se tratando de uma etnografia, de acordo com OLIVEIRA (2000, p.31, 32) “Se olhar e ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar”.

Partindo desse princípio nascem várias dúvidas de como todo esse patrimônio histórico foi construído e significado através do tempo, quem contribuiu para que isso fosse possível e porque nem todas as narrativas são contadas?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desde pequena sempre andei pelo centro histórico, observando com os meus olhos apaixonados, sempre admirada com a beleza dos casarões. Todo sábado pela manhã, eu passava pela praça e admirava o chafariz e suas belas formas, às vezes a fonte estava funcionando e outras não e, por muitas vezes no verão, observava crianças entrando no chafariz e se refrescando do calor infernal que ali fazia. Ficava um tempo parada, só vendo a diversão delas e, logo em seguida, ia em direção ao Grande Hotel, o meu favorito, pois sempre vi muita vida ali. Sentia o cheiro de roupa sendo passada, via as camareiras trabalhando, sempre passei ali sorrindo e, meu pai, sempre me dizia que essa parte da cidade (ao lado do Grande Hotel) é a mais gelada da cidade. Não sei se era o meu subconsciente, mas toda vez que passava ali sempre sentia um frio inimaginável. O Mercado Público também sempre foi muito lindo aos meus olhos. Sempre sentia orgulho ao ver os casarões e qualquer casa antiga pelo centro da cidade, me perdia no tempo olhando para a cada detalhe que podia, nossa como é tudo lindo (eu pensava)!

Então, sendo uma admiradora da cidade em que nasci e cresci, minha primeira opção foi estudar sobre a história de tudo aquilo que eu tanto amava. Então consegui o tão sonhado ingresso a Universidade Federal de Pelotas no curso que sempre almejei, o Turismo. Pensei, agora sim! Que maravilhoso! Vou poder conhecer “de verdade” a história da minha cidade. Em minha primeira aula de Antropologia, fui começando a perceber que nem tudo era um mar de rosas. E ali comecei a conhecer alguns conceitos como: etnocentrismo, eurocentrismo, alteridade, cultura e relativismo. Até aí tudo bem, pois são conceitos em geral, que me fizeram pensar sobre a vida, pois não estavam sendo relacionados aos meus tão queridos casarões. Fomos informados que iríamos fazer uma visita guiada pelo centro histórico, e que nos seria contada parte da história da cidade e de alguns casarões. Esperei muito essa aula, pois meu olhar romantizado e etnocêntrico me bloqueava de perceber como aquelas construções excluem grupos e reforçam uma visão hegemônica de cidade.

Então foi ali que a minha visão começou a ser desconstruída, pois percebi imediatamente o meu olhar etnocêntrico. De acordo com ROCHA, (1991, p.7) “etnocentrismo é uma visão do mundo onde nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência”. Começando pela praça Cel. Pedro Osório, nos foi informado que a cidade não começou a ser habitada no entorno da praça e sim que o primeiro loteamento foi no entorno da catedral – pois por uma difusão cultural europeia, toda a cidade tinha que ter presente em seu centro uma igreja como símbolo santo. Talvez com intuito de abençoar a cidade, tal catedral leva o nome de São Francisco de Paula, a localidade, antes de ser Pelotas, era Vila São Francisco de Paula.

Logo em seguida, fomos até a fonte das Nereidas, fomos informados que ali existia um pelourinho, local onde as pessoas escravizadas eram castigadas e várias pessoas iam para assistir, como se fosse um evento. Mas, o incomodo causado aos moradores do entorno da praça, com os gritos de dor pelas punições, acarretou em uma troca de local, transferindo o pelourinho para atrás do Mercado Central. Entendi a falta de empatia e refleti sobre o conceito de alteridade.

Pudemos observar outro fato interessantíssimo que se destacou para mim, nos mostraram a “sacada” dos charqueadores. Ao entenderem onde as pessoas escravizadas seriam libertas em pouco tempo, eles agiram antes, vendendo cartas de alforria em troca de trabalho, o que faria que muitos/as continuariam na escravidão, pois teriam que trabalhar por muitos anos, muitas vezes se tornava a vida toda, em troca da tão sonhada liberdade.

“Em 1814, recém estabelecidas as primeiras charqueadas, era de homens de cor quase a metade da população de Pelotas. Para um total de 2.719 habitantes, havia 1.226 escravos. É que a indústria saladeiril, ao contrário do que sucedeu nas estâncias – onde o africano entrou em pequeno número –, construiu-se toda sobre a força do trabalho, o martírio, a revolta e a resignação do negro cativo.

Isso não impediu que, com a fundação do Clube Abolicionista, em 1881, Pelotas tomasse a iniciativa de propaganda redentora no Rio Grande do Sul. Já em 1884, o município era declarado oficialmente liberto do jugo da escravidão. Lembre-se que só quatro anos depois seria assinada a Lei Áurea. MAGALHÃES (2011, p.37).

Então, retomando a fonte das Nereidas que é uma das “belezas” da praça, que foi importada da França, entendemos que ela foi colocada em um local de sofrimento para embelezar a praça e trazer o apagamento dessas memórias sobre a escravidão. E, ao entorno, todos os casarões são inspirados na arquitetura europeia, conseguimos perceber até aí o eurocentrismo, pois tanto os modos de como as pessoas se portavam, quanto o que eles julgavam ser importantes era uma pessoa branca com estilo de vida europeu. Isso valorizamos até hoje em nossa cidade sem nos questionar ou relativizar, o que segundo ROCHA (1991, p.20) “é transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores, ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença”.

Continuando no passeio pela praça, chegamos até a estátua do Cel. Pedro Osório – que dá nome à praça –nos foi dito que Osório era empregado de uma empresa de charque, muito inteligente, percebeu que a indústria saladeiril não iria durar para sempre, então resolveu investir em outros ramos, aonde seu foco maior foi na indústria arrozeira. A estátua contém a presença do que julgo ser o ciclo do arroz e logo atrás do monumento existe a figura de uma família tradicional. Pois ele sempre foi considerado um “bom homem” pela sociedade, pois trouxe o “desenvolvimento” para a cidade. No Passo dos Negros, construiu seu engenho, presente no local até hoje. Também casas para os funcionários e uma escola para os filhos destes. Contudo, o tempo foi apagando aquilo que o tempo julgava como ruim, e o Passo dos Negros simplesmente “deixou de existir”. A localidade vem passando por especulação imobiliária, seu nome vem sendo alterado para Estrada do Engenho. Moradores e moradoras passam por processos de remoção. Segundo ALFONSO e RIETH (2016, P.138) habitantes mais antigos, em seus relatos, reforçam sua indignação pelo abandono de um lugar que teve grande importância para a história e a formação de Pelotas.

As pesquisas realizadas no local evidenciaram um processo de apagamento das memórias e narrativas sobre o passado da escravidão, inclusive, a ancestralidade das pessoas, pois na maioria das entrevistas

muitos habitantes não se reconheceram como afrodescendentes. Para Sr. A. (em relato), habitante antigo da região, *não dá para ser descendente de escravo pela história do Coronel e pela história do Passo dos Negros, que foi uma história linda que se fosse tão ruim, os velhos não teriam falado*. Complementa dizendo que o Coronel acolheu muito bem a turma aí, era uma família. (2016, P.138)

Tendo em vista que essas narrativas ainda são muito frequentes, percebi que ainda temos muito o que estudar e aprender, que a nossa abordagem como cidadão pelotense deveria ser diferente, buscando mais questionamentos sobre a cidade.

Dito isso, temos um evento que é vitrine hoje da nossa cidade e “tradição” como cidade do doce, a FENADOCE, que conta com apresentações sobre como foi formada a cidade e quem fazia parte dela. Então, em 2019, nessa apresentação pude observar que existia a presença de pessoas negras. Mas a representação era de pessoas libertas, mascarando a escravidão e ainda invisibilizando a contribuição da comunidade negra na construção dos casarões e da cidade, na produção do charque e na cultura doceira. Mantendo a ênfase nos donos dos casarões, barões e baronesas. A inclusão de personagens negros na apresentação já é uma indicativa de mudança por pressões externas. Passaram a pincelar que as comunidades negras também têm parcela importante na construção da cidade e de nossa cultura. Dá para considerar como uma janela se abrindo e começando a mostrar a voz daqueles/as que eram e, são, maioria na cidade, construída e regada por suor e sangue.

4. CONCLUSÕES

Minha conclusão foi a de que a disciplina cumpriu sua proposta. A professora no primeiro dia de aula disse que com a Antropologia começaríamos a ver o mundo com outros olhos e desconstruir nossas visões de mundo. Pode ser um pouco até exagerado, mas sinto que sou outra pessoa, olhando ao redor e tentando enxergar as “coisas” a partir de uma outra percepção. Tentando entender outras narrativas possíveis, pois sempre fui uma pessoa questionadora que tenta ver “os dois lados da moeda”. Percebi a importância da divulgação destas narrativas pois as vezes é difícil valorizá-las se nem sabemos da existência do outro lado da moeda. E hoje posso dizer que consigo fazer esses questionamentos com mais propriedade. Observar criticamente a cidade que tanto amo e poder valorizar a voz de tantos que muito fizeram por ela. Durante o curso de turismo quero continuar me aprofundando mais nessas narrativas, que também fazem parte da construção da cidade, que devem ser lembradas e contadas, a partir do ponto de vista daqueles que passaram e ainda passam por processos de apagamento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSO, L.P; RIETH, F. Narrativas de Pelotas e de Pelotas Antiga: a cidade enquanto bem cultural, **Parimônios Plurais: iniciativas e desafios 1ed**, Rio Grande: 1ed. Da FURG, v., p.131-137, 2016.
- MAGALHÃES, M.O. **HISTÓRIAS E TRADIÇÕES DA CIDADE DE PELOTAS**. Porto Alegre: ardotempo, 2011.
- OLIVEIRA, R.C. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: O trabalho do Antropólogo, UNESP, 2000.
- ROCHA, E. **O que é o etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- UFPEl.
- VELHO, G. **PROJETO E METAMORFOSE Antropologia das sociedades complexas**.